

PARENTALIDADE: RELACIONAMENTO ENTRE PAIS E FILHOS PESQUISA REALIZADA NA CIDADE DE SALVADOR- BA¹

Ogvalda Devay Torres²
Rosa Maria da Motta Azambuja³
Isabela Alves Mattos⁴

O presente artigo visa elucidar a relação parental entre pais e filhos através da pesquisa realizada na cidade de Salvador-Ba, no Programa no Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica de Salvador em 2011, buscando obter, através dos participantes, a sua percepção sobre parentalidade. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Católica do Salvador. Foram entrevistados 102 participantes, dos sexos feminino (78%) e masculino (22%), residentes da cidade de Salvador, em um bairro nobre; com os requisitos de faixa etária dos 30 aos 55 anos; ter um membro da família com nível superior completo; que o entrevistado fôsse um dos responsáveis pela família. Os resultados apontaram que as famílias consideram importante que os filhos se expressem livremente a respeito de tudo (40,8% dos informantes), têm tendência intermediária em dar aos filhos tudo o que pedem (46,1%), e consideram muito importante transmitir aos filhos, com palavras e exemplos.

Palavras-Chave: Parentalidade. Relação Parental. Pais e filhos

INTRODUÇÃO

Desde a modernidade as relações sociais são marcadas por mudanças nos diversos campos, como a cultura, economia, o que acabou por acarretar alterações em todos os aspectos da existência social bem como no aspecto pessoal; dentre eles, destacam-se as relações que tocam os gêneros e a gerações, isto é, as relações familiares. “A família encontra-se, especialmente nestas últimas décadas, em constante mudança, por participar dos dinamismos próprios das relações sociais” (DONATI, 2008, p. 18)

Foram modificações profundas que afetaram a atividade de produção, bem como o modo como a organização do trabalho, chegando aos processos de educação e socialização. Nesse sentido Petrini:

Essas mudanças, concentradas e aceleradas, repercutem significativamente na vida familiar, desde a concepção da masculinidade e feminilidade e a forma de

¹ Relatório de Pesquisa apresentado pelas autoras na disciplina de Contextos Familiares no Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica de Salvador em 2011 como parte da pesquisa “Família: Recurso da Pessoa e da Sociedade.

² Médica (UFBA) Mestre em Saúde Comunitária (UFBA). Email: ogvalda@gmail.com

³ Pedagoga pela Universidade Católica de Pelotas (UCPEL); Mestre em Família na Sociedade Contemporânea (UCSAL). Email: psicoazambuja@hotmail.com

⁴ Advogada (UFBA); Mestre em Família na Sociedade Contemporânea (UCSAL). Email: bellamattos@yahoo.com.br

compreender a sexualidade e a relação entre os sexos, até a maternidade e a paternidade, a relação entre as gerações, principalmente no tocante à atividade educativa e de socialização (PETRINI, 2005, p. 29).

A queda do patriarcado e os movimentos sociais, como o feminismo, propiciaram diversas alterações no contexto familiar que vieram a imprimir “um novo perfil à família”, onde a igualdade entre os gêneros passou a ser assimilada no convívio familiar, fazendo surgirem novos parâmetros de parentalidade (WAGNER, 2005, p. 181).

Nessa perspectiva observa-se que a família da contemporaneidade é marcada “pela maior expressão dos afetos e busca de autonomia dos seus membros”, característica que resulta desse novo contexto social (PETRINI, ALCÂNTARA, MOREIRA, 2009, p. 259).

As modificações ocorridas socialmente ainda influenciam outros fatores, como a responsabilidade partilhada nas tarefas e cuidados com os filhos “Atualmente, em muitas famílias já se percebe uma relativa divisão de tarefas, na qual pais e mães compartilham aspectos referentes às tarefas educativas e organização do dia-a-dia da família” (WAGNER, 2005, p. 181).

Todavia, tal aspecto ainda não ocorre de maneira uniforme, uma vez que a figura feminina adentrou no âmbito social e do trabalho, aproximando-se dos modelos que, no passado, pertenciam ao homem, com uma intensidade bem maior do que o envolvimento da figura masculina com as tarefas domésticas.

Ponderando a esse respeito, Rocha-Coutinho (2005) afirma que, embora o discurso social da modernidade enfatize o casamento ideal como sendo aquele em que o marido e a mulher invistam nas carreiras profissionais e compartilhem a responsabilidade pela criação dos filhos, trabalhos realizados em diversos países apontam que tanto homens, como as mulheres acreditam que a casa e os filhos são de responsabilidade da mulher, e o provimento financeiro, de responsabilidade do homem.

Nesse sentido (Wagner, 2005) percebe que a “divisão das tarefas domésticas, criação e educação dos filhos parecem não acompanhar de maneira proporcional as mudanças decorrentes da maior participação da mulher no mercado de trabalho e do sustento econômico do lar”. Observa a autora que a redução entre as distâncias ocorre nas famílias em que o grau de escolaridade dos pais é mais elevado, quando se nota uma menor distinção entre a função materna e paterna, participando pai e mãe de forma mais igualitária no sustento e cuidado com os filhos (WAGNER, 2005, p. 182).

No contexto atual, o exercício da parentalidade encontra uma série de desafios que exigem dos pesquisadores uma atenção especial. Ao realizar-se uma consulta dos artigos disponibilizados no portal eletrônico da *SciELO* utilizando-se os descritores “parentalidade” e “coparentalidade” foram encontradas 25 produções.

Observa-se uma predominância das publicações nas revistas da área de psicologia (14 artigos), dentre estas as revistas *Psicologia: Teoria e Pesquisa* e *Psicologia em Estudo*. Dos artigos encontrados, somente três foram publicados em revistas da região nordeste, com

produção concentrada no Distrito Federal, região Sul e Sudeste. Ressalta-se ainda uma recente produção dos textos, no qual o mais antigo data de 2002 e os mais recentes do ano de 2010. Nota-se maior concentração de publicações no ano de 2006 (10 artigos) e em 2010 (6 artigos), o que evidencia um recente interesse acerca do tema parentalidade.

Os pais da pós-modernidade apresentam questionamentos sobre a relação pais e filhos: - Estou agindo certo com meus filhos? - A educação que eles estão tendo vai prepará-los para o que irão enfrentar mais tarde? - Esse comportamento é ou não um problema e de consequências sérias para a vida futura? “Os pais passam, então, a buscar incessantemente respostas que possam resolver suas dúvidas e se deparam com uma diversidade de informações, baseadas em pontos de vista teóricos diferentes” (MOREIRA; BIASOLI ALVES, 2008, p.12).

Segundo as autoras para fornecer orientações pertinentes, é necessário antes conhecer a realidade, na família.

A família é o agente principal de socialização primária, determina as práticas de educação da prole, organiza o ambiente da criança, estabelece maneiras e limites para as interações entre pais, filhos, netos, propicia condições para o desenvolvimento do bebê, sendo responsável pelas condições que possibilitam a formação da identidade; finalmente, cabe a ela a transmissão de valores e, na vivência do cuidado entre pais e filhos, levar à lealdade intergeracional, tornando-a, assim, um *locus* privilegiado ao desenvolvimento de seus membros (PETRINI, 2005; BIASOLI-ALVES, 2002; PETRINI; ALCANTARA; MOREIRA, 2009).

Arriagada (2000) apud Moreira e Bisoli Alves (2008, p. 11) aponta grandes mudanças nas famílias latino-americanas nas últimas décadas, como o declínio do modelo patriarcal, a incorporação massiva das mulheres (inclusive das de camada média) no mercado de trabalho, aumento de lares chefiados por mulheres, do compartilhamento do cuidado e da socialização das crianças, do direito individual (acima do familiar), estabelecendo novas relações entre pais e filhos, com mais direito destes, a diminuição da hierarquia e da submissão, e a predominância de famílias nucleares e das taxas de natalidade.

Discutindo os papéis de pai e mãe, Jablonski (1999) citado por Moreira e Bisoli Alves (2008, p.12) menciona a importância da presença deles na educação da criança e ao mesmo tempo a diferença nos papéis. O pai tem com os filhos uma interação mais física e menos íntima, apresentando ênfase nos jogos e no humor. Já a mãe centra-se na proteção, afetividade e tarefas de cuidado do dia-a-dia.

No entanto, as principais dificuldades encontradas no processo educativo das crianças também estão centradas nos genitores (como o estabelecimento de limites e dúvidas quanto a procedimentos corretos de educação). Aspectos de dificuldade mais relacionados às crianças foram sua personalidade forte e sua rebeldia/teimosia. “Para enfrentar as dificuldades educacionais, os participantes buscam recursos em si mesmos, no cônjuge e em orientações técnico-científicas e também as advindas da sabedoria popular” (MOREIRA, BIASOLI-ALVES, 2008, p.12).

De modo geral, os dados apontam mais para semelhanças do que para diferenças na educação que pais e mães oferecem a seus filhos nas duas cidades estudadas, revelando uma

significativa influência do nível de escolaridade, tanto nas concepções quanto nas práticas educacionais.

DESCRIÇÃO DOS OBJETIVOS

Buscou-se elucidar a relação parental entre pais e filhos, através da pesquisa realizada na disciplina de Contextos Familiares no Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica de Salvador em 2010, como parte da pesquisa “Família: recurso da pessoa e da sociedade”, que analisa comparativamente a família de cinco capitais do país, buscando obter através dos participantes a sua percepção sobre parentalidade. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Católica do Salvador.

MÉTODO

Trata-se de um estudo de natureza quali-quantitativa (Mynaio; Sanchez, 2007) essa abordagem é empregada para a compreensão de fenômenos específicos e delimitáveis mais pelo seu grau de complexidade interna do que pela sua expressão quantitativa. Foram entrevistados 102 participantes, do sexo feminino e masculino, sendo 78% do sexo feminino e 22% do sexo masculino. Residiam na cidade de Salvador, e foram utilizados como critério de inclusão de participante: residir em um bairro nobre; estar na faixa etária dos 30 aos 55 anos; ter um membro da família com nível superior completo; que o entrevistado fosse um dos responsáveis pela família.

As entrevistas foram realizadas pelos alunos do programa de pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea, que cursam a disciplina Contextos Familiares, após treinamento pelas professoras doutoras responsáveis pela pesquisa.

A seleção dos participantes teve como critério a acessibilidade dos pesquisadores a famílias que atendessem aos critérios de inclusão. O recrutamento foi realizado utilizando a técnica bola de neve, em que um participante indica outros. Todos os que consentiram em participar do estudo assinaram termo de consentimento livre e esclarecido e foram informados sobre o sigilo das identidades.

O roteiro de entrevistas continha 40 perguntas estruturadas nos seguintes eixos: variáveis de amostra; perfil do participante, indicadores sobre a família em que o participante vive; itens sobre relações de casal do participante; itens sobre relação família e trabalho na perspectiva do participante; itens sobre capital social interno e externo da família.

No questionário foram acrescentadas duas questões abertas: - O que é família para você? Quem faz parte da sua família? Para análise de Dados optou-se pelo software SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*), utilizado para organizar as informações obtidas através dos questionários. As categorias de análise foram: relações conjugais; relações pais e filhos; relação família e trabalho e capital social da família.

Para as questões abertas foram criadas categorias com base nas 149 respostas obtidas, sendo estabelecidas 17 categorias: base da pessoa; afeto; convivência; base da sociedade; vínculo; sentido da vida; suporte incondicional; compartilha valores/ideais; definição legal/parentesco; afinidade; formação social; cuidado/proteção; consanguinidade; laços espirituais; envolve conflitos; sustento; felicidade/tudo de bom.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram aplicadas 102 entrevistas a arranjos familiares diversos que foram respondidos, na maioria (78%) por mulheres, predominantemente com faixa etária de 30 a 35 anos (36,3% dos participantes), e residentes, com maior frequência, nos bairros de Pituba (29%) e no Centro de Salvador, Bahia.

Perucchi e Beirão (2007) chama a atenção para o fato de que o número de mulheres está crescendo vertiginosamente no Brasil, revelando uma posição social cada vez mais ocupada por mulheres no contexto atual das famílias brasileiras e de provedoras do sustento da família. “No ano 2000 o percentual de mulheres chefes de famílias no Brasil era de uma em cada quatro famílias, 18,1% da população economicamente ativa” (PERUCCHI; BEIRÃO, 2007, p. 58)

A quase totalidade dos que responderam era de trabalhadores assalariados do setor privado (36,5%) ou autônomo (21,9%), do mesmo modo, a quase totalidade (88%), exerciam cargos liberais ou de gerência, ou ocupavam posições que requerem escolaridade superior.

As Famílias eram predominantemente extensas (41%), seguida de nuclear (26%). Havia 9% de monoparental extensa e 2% de monoparental ampliada, além de outros arranjos familiares. Eram 63,7% de casais no primeiro casamento.

Houve concentração na modalidade casal com filhos, 27,5% com mais de um filho e 24,5% com um único filho. Os participantes, quando foram crianças, pertenceram a Famílias constituídas de pais casados em 89,1% dos casos. Recebiam ajuda da avó (52%) na Família, 52% percebiam recursos econômicos suficientes para poupar e 41,2% para pagar as contas.

Politicamente, as Famílias se revelaram, em 44,1% delas, indiferente, e, quanto à religião houve predominância de católicos, 44,3%, seguida de espíritas e protestantes, em igual porcentagem (18,6%), e a frequência aos ritos religiosos era maior que uma vez por ano e menor que uma vez por mês (22,9%), seguida dos que o praticavam uma vez por semana (20,8%).

Notou-se uma tendência das Famílias a confiarem nos vizinhos (42,3%), em conviverem, na Família, com clima otimista e sereno (84,5%), de considerarem a família colaboradora (63,3%), e de avaliarem, os que não vivem na Família, também como colaboradores e com tendência a ajudarem (62,6%).

Para Perucchi e Beirão (2007) os padrões familiares têm sofrido alterações, motivadas por fatores como movimentos de industrialização e urbanização, aumento da diversidade cultural, um distanciamento maior entre ricos e pobres, ao fato de a sociedade estar

envelhecendo mais, mulheres em movimentos de igualdade e justiça, bem como os negros, além da homossexualidade masculina ou feminina.

As autoras notam consequências como famílias menores, maior índice de divórcios, menor ligação com a família extensa e com a rede social de apoio, e maior frequência de abuso e negligência infantil. Registra que os índices de casamentos e de nascimento, vêm diminuindo.

Mesmo assim, nas opiniões coletadas, a Família é considerada uma instituição social com valor público (77,8%). Os participantes reconhecem (74,5% deles), que a educação dos filhos é tarefa principal dos pais, que ser casado é uma importante condição (49,5%) e que deve haver satisfação conjugal (89,4%).

Há uma correlação entre a satisfação conjugal e a qualidade das relações parentais. “O relacionamento marital tem sido apontado, recentemente, como um fator preponderante para a qualidade de vida das famílias, particularmente no que tange às relações que pais e mães mantêm com suas crianças” (BRAZ; DESSEN e SILVA, 2005, p. 151).

As Famílias consideram importante que os filhos se expressem livremente a respeito de tudo (87%), indicar aos filhos o que se deve e o que não se deve fazer (71,4%), em 40,8% dos informantes, têm tendência intermediária em dar aos filhos tudo o que pedem (46,1%), e consideram muito importante transmitir aos filhos, com palavras e exemplos, o que vale, verdadeiramente, na vida (76,6%). Os casais sem filhos opinaram de maneira semelhante. As Famílias, na maioria, com filhos ou sem filhos, revelaram que fazer crescerem os filhos é mais difícil do que o esperado.

Nos casais com filhos, os cônjuges agem em concordância a cerca da educação e cuidado deles (72,2%), o que reflete a noção existente nos dias atuais acerca das posições mais igualitárias entre as figuras parentais.

Os pais se acham capazes de ajudá-los a enfrentar dificuldades, e participam (91,9%) das atividades desenvolvidas por eles. Os referidos resultados podem estar influenciados pelo fato de 78% das entrevistadas serem do sexo feminino. Faz-se necessário um cruzamento de dados a fim de se obter um resultado que leve em consideração o gênero do entrevistado.

Durante a década de 1930 até meados de 1980, os pais, geralmente, desempenhavam suas tarefas educativas baseados na tradicional divisão de papéis segundo o gênero. A partir da década de 1980 os papéis parentais passaram por transformações mais consistentes, apesar de suas representações ainda estarem relativamente marcadas por modelos tradicionais de parentalidade e paternidade (MOREIRA E BIASOLI-ALVES, 2008)

Sobre o envolvimento da família com o trabalho houve maior concordância em que o ideal é que um cônjuge trabalhe o dia inteiro e o outro apenas meio turno (66%), e esta anuência ainda cresce, quando se expressaram no que era desejável para as famílias (75,8%). Assim sendo, houve tendência preferencial a privilegiarem a família sobre o trabalho (66,7%). Em 48% das Famílias houve uma clara divisão das tarefas domésticas entre os cônjuges. Em mais de 90% as Famílias demonstraram conciliação com o trabalho para realizarem as aspirações, para

favorecerem o crescimento dos filhos e para investirem o tempo nas relações com o cônjuge, sócios, parentes, outros familiares ou associações.

Segundo Perucchi e Beirão (2007), em pesquisa com dez mulheres mães, a tarefa de prover não foi vista como uma exclusividade do pai e sim como algo a ser compartilhado com o casal. A paternidade foi considerada uma função de participação efetiva em tudo o que englobasse educação dos filhos, principalmente no campo da afetividade.

Trataram-se de Famílias que confiavam nos familiares em caso de necessidades urgentes (90,1%), em que os membros eram capazes de se auxiliarem mutuamente (83,3%). As famílias tanto ajudaram a conhecer e encontrar pessoas, tanto semelhantes quanto diferentes ao ambiente familiar (62,4%).

Empenho na formação da honestidade e respeito às leis foi evidenciado com uma forte tendência, de 84,2%, assim como de confiar e de acolher o próximo (83,2%), no entanto 49,5% das Famílias revelaram-se incapazes de sacrificar-se e ajudar o outro.

Comparando-se a família atual, entrevistada, com a geração dos Pais, no aspecto da capacidade de gerar virtudes, 40,5 % das famílias se consideraram menos capazes.

Foi colhida a informação da opinião das famílias sobre a contribuição das Instituições sociais para o desenvolvimento do país em que residem. Os participantes apontaram na maioria a família, seguida da Escola e Universidade. Empresa, Igreja e Meios de Comunicação foram relatados com alguma expressividade, mas, em geral, não reconheceram com valor significativo a administração política, a polícia, o poder judiciário e o sistema financeiro.

Quanto à contribuição dos membros dos familiares a pessoas que não pertencem à família, informaram que as ajudam a superar problemas (73,7%), também à superação de problemas entre casais (68,7%), auxiliam a filhos de outras pessoas em atividades escolares, hospedagem ou de outros modos (57,6%), e a pessoas idosas (56,6%).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do questionário aplicado, quando são analisadas as relações entre pais e filhos, nota-se que estamos vivendo num novo momento histórico onde os filhos têm liberdade de expressar-se, em relação ao passado.

Considerou-se expressiva a relevância na transmissão de valores na vida, através de palavras e exemplos. Ao cruzarmos estes dados com a capacidade da família de transmitir aos seus membros: honestidade e respeito à lei, confiança e acolhida do outro e capacidade de sacrificar-se e de ajudar o outro, confirmou-se essa mesma porcentagem.

Observou-se uma tendência dos pais a se considerar com bom desempenho na ajuda e participação junto aos filhos.

Faz-se necessário que seja ampliado o número de entrevistados do sexo masculino a fim de observar se as tendências serão mantidas, tendo-se em vista que o questionário foi respondido majoritariamente por participantes do gênero feminino.

Bem como, estender a pesquisa às camadas mais baixas da população de Salvador, para fazer um paralelo entre as concepções existentes nas diversas classes sociais.

REFERÊNCIAS

BRAZ, Marcela Pereira; DESSEN, Maria Auxiliadora; SILVA, Nara Liana Pereira. Relações conjugais e parentais: uma comparação entre famílias de classes sociais baixa e média. **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre, v. 18, n. 2, 2005. pp. 151-161 Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v18n2/27465.pdf>> Acesso: 20 set.2011.

DONATI, Pierpaolo. **Família no século XXI: Abordagem Relacional**. Tradução João Carlos Petrini. São Paulo: Paulinas, 2008.

MINAYO. Maria Cecília; SANCHES, Odécio. Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou Complementaridade? **Cad. Saúde Públ.**, Rio de Janeiro, 9 (3): 1993. pp. 239-262. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csp/v9n3/02.pdf>> Acessado: 21 set. 2011.

MOREIRA. Lúcia Vaz; BIASOLI-ALVES. Zélia Maria. O Olhar de Pais de Camada Média sobre Educação de Filhos. In **Família e Educação: Olhares da Psicologia**. Lúcia Vaz e Ana Maria Carvalho (Org). Ed. Paulinas. 2008.

PERUCCHI, Juliana; BEIRÃO, Aline Maiochi. Novos Arranjos Familiares: Paternidade, Parentalidade e Realções de Gênero sob o Olhar de Mulheres Chefes de Família. **Psicologia Clínica**. Rio de Janeiro, v.19.n.2 2007. pp. 57-69. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652007000200005> Acessado: 20 set.2011.

PETRINI, João Carlos. Mudanças sociais e mudanças na família. In: **Família, Sociedade e Subjetividades: Uma perspectiva multidisciplinar**. In. Família e Mudança. Petrini, João Carlos; Cavalcanti, Vanessa Ribeiro Simon (Orgs). Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

PETRINI, João Carlos; ALCÂNTARA, Miriã Alves Ramos; MOREIRA, Lúcia Vaz de Campos. **Família na Contemporaneidade: uma análise conceitual**. In: Família, população, sexo e poder: entre saberes e polêmicas. Menezes, José Euclimar Xavier de; Castro, Mary Garcia (Orgs). São Paulo: Paulinas, 2009.

ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. Variações sobre um antigo tema: a maternidade para mulheres. In: **Família e casal: efeitos da contemporaneidade**. Terezinha Féres-Carneiro (Org.). Rio de Janeiro: ed. PUC-Rio, 2005. pp. 122-137. Disponível em: <http://www.editora.vrc.puc-rio.br/docs/ebook_familia_e_casal.pdf> Acessado: 20 set.2011.

WAGNER, Adriana; PREDEBON, Juliana; MOSMANN, Clarisse; VERZA, Fabiana. Compartilhar tarefas? Papéis e funções de pai e mãe na família contemporânea. **Psic.: Teor. e**

XVII SEMOC
Semana de
Mobilização
Científica
13 a 15 de outubro de 2014

UniverSidade
diálogos contemporâneos

Pesq., Brasília, v. 21, n 2, ago. 2005. pp. 181-186. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-37722005000200008&script=sci_arttext>
Acessado: 21 set.2011.